

DARKVISION

APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

DARK

PAVÊ

MARCO DE CASTRO



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





DARKVISION
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

MARCO DE CASTRO

PAVÊ

MARCO DE CASTRO

Natal é sempre essa merda, pensou Doutor Samuel quando a seleção de canções natalinas de Eugênia começou a tocar. Ela havia criado a playlist no Natal de 2016 e, desde então, toda noite do dia 24 ligava aquelas mesmas músicas enquanto eles entretinham os convidados na sala. “I Wish You a Merry Christmas”, cantada por um coral alegre da Disney, abria a seleção. Só Eugênia gostava daquela porcaria.

Márcio, como sempre, chegou puxando conversa sobre futebol. “E o Curíntia, Doutor?” Aquele papo nunca se estendia muito. Doutor Samuel até se dizia corinthiano, mas não dava importância ao futebol. Sem assunto, o genro acabava ficando em silêncio no sofá, concentrado em sua tacinha de vinho do Porto. Só sabia falar de futebol, mais nada. Era engenheiro eletrônico em uma multinacional e ganhava mais do que o suficiente para sustentar uma família. O sogro, porém, nunca o perdoaria por ter incentivado Clara a abandonar a faculdade de medicina no terceiro ano.

Mas pelo menos eles lhe dariam um neto. Até Dona Erci, sua sogra, sorria ao passar a mão no barrigão de oito meses de Clara. *Só assim pra essa velha rabugenta sorrir*. Doutor Samuel deu uma nova bebericada

em seu vinho do Porto. Naquele ano, a irmã de Eugênia não apareceria com o marido. *Ainda bem...* Olhou o relógio. Dudu, pra variar, estava atrasado. Quase oito da noite. A ceia, como era tradição na casa, seria servida às nove. “Comer à meia-noite definitivamente não é bom para a saúde, altera o ritmo circadiano...”, foi o conselho que ele deu ao público durante sua participação semanal no programa de TV vespertino. Superintendente do setor de cirurgia cardiovascular em um famoso hospital paulistano, ele havia sido convidado para fazer o quadro televisivo e, às vezes, era até reconhecido na rua.

“Dudu chegou!”, animou-se Eugênia ao escutar a campainha. Samuel também se levantou do sofá. Estava ansioso pela chegada do filho, que naquele Natal viria com a nova namorada. Uma estudante de medicina. Surpreendeu-se com a beleza da moça, morena de jeito delicado e olhos verdes, quando ela entrou ao lado de Dudu, carregando uma pequena travessa com um bonito pavê de chocolate enfeitado com morangos. Encantada, Eugênia disse que ela não precisava ter trazido nada. Stephanie respondeu que fazia questão de preparar uma sobremesa e que a receita era de sua avó.

“Até que enfim uma nora decente”, sussurrou a si mesmo Doutor Samuel, apesar de sua alergia ao chocolate. Isso não importava. Para ele, o que valia era que pela primeira vez Dudu estava apresentando aos pais uma moça linda, simpática e educada. Que ainda por cima estudava medicina. Não era uma daquelas garotas esquisitas que não queriam nada da vida que ele costumava levar aos eventos familiares.

Era até estranho o fato de uma jovem como Stephanie ter se encantado por Dudu, rapaz preguiçoso que, aos 24 anos, já havia desistido de duas faculdades — a primeira delas medicina, para decepção do pai — e agora pretendia abrir um bar de cerveja artesanal em sociedade com amigos.

“É um prazer conhecê-lo, Doutor Samuel, admiro muito o seu trabalho”, disse Stephanie apertando a mão do sogro, após entregar o pavê de chocolate à empregada da família.

“O prazer é todo meu, querida. Por favor, deixe o ‘doutor’ pra lá e me chame apenas de Samuel!”

Quando todos se acomodaram novamente na sala, Stephanie recusou uma tacinha de vinho do Porto. “Não bebo.” Foi outra coisa que causou estranhamento no sogro. Como uma moça que não bebe resolveu namorar Dudu, um notório pé de cana? Nesse momento, ele também teve a sensação de que já conhecia a nora de algum lugar, mas, como não fazia ideia de onde, não pensou mais nisso. Ficou quieto, observando e escutando Stephanie. Enquanto Dudu engatava no papo de futebol de Márcio, a namorada já encarava um bombardeio de perguntas da sogra e da cunhada.

“Nasci em São Paulo, mesmo... Sou filha única... Infelizmente, meus pais já não são mais vivos... Pois é, morreram cedo... Moro com minha tia... Eu e Dudu nos conhecemos no Tinder hihihih... Estou no terceiro ano de medicina... Faço residência na Santa Casa... Quero me especializar em cardiologia, como o Doutor Samuel”, disse por fim, encarando o sogro com um sorriso, que ele retribuiu.

A empregada então anunciou que a ceia estava servida e que ela já estava de saída para encontrar sua família. “Amanhã chego cedinho para arrumar tudo”, garantiu. Eugênia aumentou um pouco o volume da playlist, que agora tocava “Let it Snow, Let it Snow, Let it Snow”, na voz de Dean Martin. No caminho entre a sala de estar e a sala de jantar, Doutor Samuel aproveitou para se aproximar da nora, que se sentou à mesa entre ele e Dudu.

A ceia, como de costume, estava caprichada. Um enorme peru, além de tender, farofa e outras coisas gostosas. Eugênia começou a fatiar o peru com uma faca elétrica Black & Decker e a distribuir a carne. Após todos se servirem, o sogro puxou conversa com a jovem.

“Me diz uma coisa, filha: o que fez você decidir estudar medicina?”

“Então, doutor...”

“Samuel, por favor. Me chame de Samuel.”

“Hihihih”, a moça riu, encabulada. “Tá bom, Samuel... Então, meus pais morreram cedo...”

“Sim, sim, meus sentimentos. Escutei você contando para Eugênia e Clara na sala...”

“Pois é... Meu pai tinha aterosclerose e morreu de infarto. Foi justo numa noite de Natal... Minha mãe entrou em depressão, adoeceu e morreu poucos meses depois... Eu tinha 17 anos.”

“Puxa vida! Mas que triste! E seu pai não se tratava? Não dava pra resolver a aterosclerose dele com uma cirurgia?”

“Infelizmente, não deu tempo. Estava com a cirurgia marcada, mas morreu antes...”

Depois disso, a conversa que se seguiu entre sogro e nora só girou em torno de medicina, doenças e termos técnicos que só quem trabalha na área de saúde conseguiria entender. O tempo todo Samuel se impressionava com Stephanie. Ela se revelava extremamente inteligente e estudiosa. Apesar de ainda não entender o que aquela menina fazia com o imprestável do Dudu, já pensava até em lhe dar um emprego no hospital.

Quando as pessoas não aguentavam mais comer peru, Eugênia pediu ajuda a Stephanie. Elas levaram os restos da ceia à cozinha e voltaram com as sobremesas. Stephanie veio com seu apetitoso pavê de chocolate, e Eugênia, com a mousse de maracujá preparada pela empregada. A jovem se ofereceu para servir os doces à família do namorado. Era um show de gentileza aquela garota. O pavê estava muito mais convidativo do que a mousse. O único a optar pela sobremesa de maracujá foi Doutor Samuel.

“Filha, esse pavê tá uma tentação. Mas não posso com chocolate, tenho alergia. Me causa erupções na pele e dor no estômago.”

“Poxa, o Dudu não me falou nada dessa sua alergia! Se eu soubesse, trazia outra sobremesa...”

“Ah, o Dudu nem pensa em mim! Mas já está bom demais ele trazer para esta casa uma moça tão gentil e inteligente...”

“Hihihhi... Fico até sem jeito, assim, Samuel...”

“E você, não vai pegar sobremesa?”

“Nossa! Eu estava servindo todo mundo e acabei esquecendo de mim... Hihihhi... Também vou pegar mousse, pra te acompanhar!”

Pouco depois de todos começarem a degustar a sobremesa, algo estranho teve início. Dona Erci foi a primeira a desfalecer, tombando de cima da cadeira. Todos se levantaram para acudi-la. Estava apagada. Eugênia desmaiou em seguida. Depois foram Clara, Dudu e, por fim, Márcio. Na confusão, Doutor Samuel, desesperado, não sabia a quem

socorria primeiro. Tanto que não notou que Stephanie foi até a sala para pegar sua bolsa, que estava no sofá. Também não percebeu que ela voltou com uma seringa pronta na mão direita.

Chegando por trás do sogro, Stephanie enfiou a agulha em sua nádega direita. O médico deu um pulo ao sentir a injeção. “Que merda é essa?!” , gritou, ao se virar e vê-la segurando a seringa vazia. Em segundos, suas pernas amoleceram, e ele logo estava no chão. Não conseguia firmar os braços. Ao tentar falar, enrolava a língua. Diferentemente dos outros, porém, permanecia consciente.

“Pra você eu dei uma dose menor, Samuel. Queria que ficasse bem acordado. Outro dia você comentou na tv que tem alergia a chocolate”, disse uma Stephanie bem diferente daquela jovem gentil que ele tinha acabado de conhecer. Estava séria, carrancuda, e seu olhar brilhava com ódio. Em seguida, ela puxou as pernas do sogro e arrumou seus braços, de modo que ele ficasse todo esticado.

“Na verdade, o grande responsável por eu ter escolhido fazer medicina foi você mesmo, Samuel... Aliás, Doutor! Prefiro te chamar de Doutor”, disse ela calmamente, enquanto abria os botões da camisa social do médico.

“Você se lembra do Natal de 2014? Aposto que não... Foi o Natal que meu pai morreu... Aposto que você também não se lembra do meu pai... Elpidio Pereira Novaes... Não lembra, né?”

O olhar confuso e desesperado de Samuel dava a entender que não. Já estava com a camisa toda aberta, o peito e a barriga à mostra.

“Eu já imaginava... A cirurgia do meu pai estava marcada para o dia 23 de dezembro. O caso dele era urgente... Mas você preferiu adiar... Lembra por quê?”

Agora ela mexia novamente na bolsa, de onde tirou um estojinho muito familiar para quem pratica medicina. Do tipo que armazena bisturis. Doutor Samuel tentou gritar, mas só conseguia grunhir e babar. A jovem continuou falando, fria como o vinho sobre a mesa.

“Você resolveu adiar a cirurgia do meu pai pra passar o Natal com a família em Ubatuba...”

Após tirar o bisturi do estojo, Stephanie se agachou sobre Doutor Samuel e o encarou.

“Quando meu pai infartou durante a ceia de Natal e caiu morto com a cara no prato de arroz com uva passa — era só aquilo que ele ia comer naquele ano, por causa do coração —, eu prometi pra mim mesma duas coisas. Uma foi que eu me tornaria médica e minha família nunca mais dependeria de gente como você. A outra foi que um dia eu ia me vingar... Na verdade, eu já tinha até esquecido da segunda promessa. Mas aí você começou a aparecer na televisão, dando dicas de saúde naquele programa feito pra donas de casa... Não imagina o ódio que me deu ver aquilo... O filho da puta responsável pela morte do meu pai virando celebridade. Agora, seu desgraçado, vou arrancar seu coração!”

Mas, quando a lâmina do bisturi estava a apenas alguns centímetros do peito do médico, a jovem se deteve.

“Pensando bem, acho que mudei de ideia”, disse, colocando de volta o bisturi no estojo e tornando a guardá-lo na bolsa em cima da mesa. Por um momento, o indefeso cirurgião cardiovascular se sentiu aliviado. Porém, seu desespero retornou muito pior quando escutou o barulho da faca elétrica Black & Decker.

“Vou fazer sua cirurgia com isso aqui... vai ser bom pra cortar os ossos. Hihihih.”

A playlist de canções natalinas ainda tocava, quando Dudu acordou ao som de “Santa Claus Is Coming to Town”, cantada por Bing Crosby e The Andrew Sisters. Viu o sangue no chão da sala de jantar e os familiares caídos próximos à mesa. Clara estava grunhindo, e ele, desesperado e rastejando, ainda devido à droga que comeu com pavê, foi até a irmã para ajudá-la a se reanimar. Márcio acordou em seguida. Ele e Dudu foram acudir Eugênia e Dona Erci, que seguiam totalmente apagadas. Escorando-se na parede, Clara conseguiu ficar em pé e gritou ao olhar a mesa, onde estava estirado o cadáver de Doutor Samuel, com a barriga aberta e oca e os órgãos espalhados ao seu redor.

MARCO DE CASTRO é paulistano, 44 anos, jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero. Castro foi repórter nas editorias São Paulo e Polícia do jornal *Agora São Paulo*, onde também foi subeditor do caderno “Show!”. Autor com uma bagagem sólida de realidade, teve dois contos adaptados para o cinema pelo diretor Dennison Ramalho: “Morto Não Fala”, que inspirou o longa-metragem homônimo, e “Um Bom Policial”, adaptado como o curta *Ninjas*. Também assina o roteiro de *O Aniversário de seu Lair*, adaptação de seu conto original “Aniversário”, e dirigida por Dácio Pinheiro. Castro ama o rock! É compositor e vocalista das bandas punk Aparelho e Coice. Publicou seu primeiro romance, *Morto não fala e Outros Segredos de Necrotério* em 2021, pela DarkSide® Books.



UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

DARKSIDEBOOKS.COM